

# LOGOS

Comunicação e Universidade  
PPGCOM UERJ  
VOL. 28 N. 3

DOSSIÊ

## Espessuras Temporais da Comunicação: transformações, resistências, arcaísmos, lutas



# LOGOS

Vol.28. Nº03. 2022

# 58

ESPESSURAS TEMPORAIS DA  
COMUNICAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES,  
RESISTÊNCIAS, ARCAÍSMOS, LUTAS

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
UERJ

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**REITOR**

Ricardo Lodi Ribeiro

**VICE-REITOR**

Mario Sergio Alves Carneiro

**PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO**

Prof. Lincoln Tavares Silva

**PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Prof. Luís Antônio Campinho Pereira da Mota

**PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA**

Prof<sup>a</sup> Cláudia Gonçalves de Lima

**DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**

Prof. Bruno Deusdará

**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**DIRETORA**

Patrícia Sobral de Miranda

**VICE-DIRETOR**

Ricardo Ferreira Freitas

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**  
**UERJ/Redes Sirius/PROTAT**

**L832** ***Logos Comunicação e Universidade - Vol. 1 N° 1, (1990)***  
- . - Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social,  
1990 -

**Semestral**

E-SSN 1982-2391 | ISSN 0104-9933

**1. Comunicação - Periódicos. 2. Teoria da informação - Periódicos. 3. Comunicação e cultura - Periódicos. 4. Sociologia - Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.**

**CDU 007**

## **LOGOS - EDIÇÃO Nº 58 - VOL 28, Nº03, 2022**

**Logos:** (E-ISSN 1982-2391 | ISSN 0104-9933) é uma publicação acadêmica semestral da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e de seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) que reúne artigos inéditos de pesquisadores nacionais e internacionais, enfocando o universo interdisciplinar da comunicação em suas múltiplas formas, objetos, teorias e metodologias. A revista destaca a cada número uma temática central, foco dos artigos principais, mas também abre espaço para trabalhos de pesquisa dos campos das ciências humanas e sociais considerados relevantes pelos Conselhos Editorial e Científico. Os artigos recebidos são avaliados por membros dos conselhos e selecionados para publicação. Pequenos ajustes podem ser feitos durante o processo de edição e revisão dos textos aceitos. Maiores modificações serão solicitadas aos autores. Não serão aceitos artigos fora do formato e tamanho indicados nas orientações editoriais e que não venham acompanhados pelos resumos em português, inglês e espanhol.

### **EDITORES**

Diego Paleólogo, Márcio Gonçalves e Patricia Rebello

### **EDITORES CONVIDADOS**

Bruno Souza Leal e Itania Gomes

### **PARECERISTAS DESTA EDIÇÃO**

Amaranta Cesar, Ana Lúcia Prado Reis dos Santos, Ana Peres, Ana Regina Rego Leal, André Brasil, André Mintz, Angela Prysthon, Angie Biondi Danila Cal, Ariane Holzbach, Bruno Guimarães Martins, Carlos D'Andréa, Cynthia Miranda, Daniela Matos, Denise Predo, Elton Antunes, Fátima Oliveira, Felipe Viero, Fernando Gonçalves, Frederico de Mello Brandão Tavares, Gislene Carvalho, Igor Sacramento, Inara Rosas, Inês Vitorino, Izamara Bastos, Jeder Janotti Junior, João Alcântara, Juarez Guimarães Dias, Juliana Gutmann, Jussara Maia, Laan Barros, Leandro Rodrigues Lage, Leonardo Pastor, Leticia Matheus, Lorena Caminhas, Luciana de Oliveira, Maíra de Sousa, Micael Herschmann, Milena Freire de Oliveira-Cruz, Milene Migliano, Mozahir Bruck, Ricardo Sangiovanni, Nicolí Tassis, Nísio Teixeira, Phellipy Jácome, Rachel Beltol, Refael Queiroz, Rosamaria Rocha, Simone Pereira Tobias Queiroz, Simone Sá, Tatiana Aneas, Tatiana Lima, Tess Chamusca, Thiago Soares, Tiago Salgado, Verônica da Costa, Vilson Santi.

### **CONSELHOS EDITORIAL E CIENTÍFICO**

Alessandra Aldé (UERJ), Danielle Rocha Pitta (UFPE), Denise da Costa Oliveira Siqueira (UERJ), Fátima Quintas (Fundação Gilberto Freyre), Henri Pierre Jeudi (CNRS-França), Ismar de Oliveira Soares (USP), Luis Custódio da Silva (UFPB), Luiz Felipe Baêta Neves (UERJ), Márcio Gonçalves (UERJ), Michel Maffesoli (Paris-Descartes/Sorbonne), Nelly de Camargo (USP), Nízia Villaça (UFRJ), Patrick Tacussel (Université de Montpellier), Patrick Wattier (Université de Strassbourg), Paulo Pinheiro (UniRio), Ricardo Ferreira Freitas (UERJ), Robert Shields (Carleton University/Canadá) e Ronaldo Helal (UERJ)

## **ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA**

Revista Logos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Comunicação Social

Programa de Pós-graduação em Comunicação

Rua São Francisco Xavier, 524/10º andar, sala 10.129, Bloco F

Maracanã

20550-013 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil

Tel: (21) 2334-0757

E-mail: [logos@uerj.br](mailto:logos@uerj.br)

Website: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos>

## **PROJETO GRÁFICO**

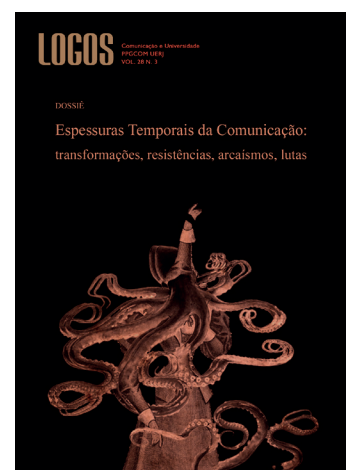
Celeste Ribeiro, Ana Paula Pires

## **CAPA**

Diego Paleólogo

## **REVISÃO DESTE NÚMERO**

Patricia Rebello, Márcio Gonçalves e Diego Paleólogo



# SUMÁRIO

8

## EDITORIAL

### **Espessuras Temporais da Comunicação:**

transformações, resistências, arcaísmos, lutas.

BRUNO SOUZA LEAL E

ITANIA GOMES

17

### **Fantasmagorias da escravidão no cinema brasileiro:**

anacronismos e sobrevivências de um passado traumático

*Slavery phantasmagoria in Brazilian cinema: anachronisms and survivals of a traumatic past*

LETÍCIA XAVIER DE LEMOS  
CAPANEMA

36

### **O momento qualquer e a coexistência de temporalidades liminares em Jacques Rancière**

*The 'any moment' and the coexistence of liminar temporalities in Rancière*

ÂNGELA CRISTINA SALGUEIRO  
MARQUES

LUIS MAURO SÁ MARTINO

54

### **Convenção e disputa na atuação do repórter:**

Spera e os primeiros anos de telejornalismo no Brasil

*Convention and dispute in the reporter's performance: Carlos Spera and the first years of television news in Brazil*

VALÉRIA MARIA VILAS BÔAS

69

### **Encruzilhadas da música:** temporalidades e territorialidades no álbum visual *Bom Mesmo É Estar Debaixo D'Água*

*Musical Encruzilhadas: temporalities and territorialities in visual album Bom Mesmo É Estar Debaixo D'Água*

THIAGO EMANOEL FERREIRA  
DANIEL OLIVEIRA DE FARIAS

89

### **As organizações modernas e o contemporâneo:** para uma leitura comunicacional do presente

*Modern organizations and the contemporary: notes for a communicational approach to the present*

RENNAN LANNA MARTINS MAFRA

107

### **"I am done":** violência sexual, testemunho e reparação em *'Hysterical Girl'*

*Pride and resistance at the other representation in Dulce Sudor Amargo of Miguel Rio Branco*

KARINA GOMES BARBOSA  
CARLOS MAGNO CAMARGOS  
MENDONÇA

**125** **Fragments do tempo:** passado e futuro narrados no álbum *Random Access Memories*, do Daft Punk

*Decolonial re-existences – the strength of the music videos*  
Mandume, Boa Esperança and  
Eminência Parda

NUNO MANNA

RAFAEL JOSÉ AZEVEDO

**143** **“Sonhei que estava em Pernambuco”:** território, historicidades e afeto nas encruzilhadas do frevo

*“Sonhei que estava em Pernambuco”:* territory, historicities and affection at the crossroads of frevo

CAROLINE GOVARI

RAFAEL ANDRADE

THIAGO PIMENTEL

**159** ***Shine bright like a diamond*:** o momento qualquer como operação estética e política de desierarquização do tempo em *Bande de Filles*

*Shine bright like a diamond: the any moment as an aesthetic and political operation of de-ierarchization of time in Bande de Filles*

DIEISON MARCONI

**176** **História de vida:** um imbricado teórico-metodológico para uma comunicação cidadã em Lagoas do Norte para quem?

*Life stories: a theoretical and methodological interwoven to a citizen communication in Lagoas do Norte para quem?*

SARAH FONTENELLE SANTOS

MARIA ANGELA PAVAN

CLUAN MATHEUS DOS SANTOS  
SANTANA

KASSANDRA MERIELLI LOPES LIMA

**194** **Reverberações do cânone valorativo na crítica musical:** experiências com Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band em 1967 e 2017

*Reverberations of the valuable canon in music criticism: experiences with Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band in 1967 and 2017*

JORGE CARDOSO FILHO

CELINA ADRIANA BRANDÃO PEREIRA



---

## EDITORIAL

### **Espessuras Temporais da Comunicação: transformações, resistências, arcaísmos, lutas.**

A Comunicação é frequentemente caracterizada, e por vezes criticada, por apresentar uma abordagem predominantemente presentista dos fenômenos que analisa. Muitas das reflexões e estudos que desenvolvemos tem como horizonte o presente tal como supostamente vivido por um grande número de pessoas ou produtos e processos entendidos como “atuais” e/ou “contemporâneos”. No entanto, cabe perguntar que tempos constituem esse presente aparentemente comum? Na esteira de pensamentos sobre as temporalidades e as historicidades, tal como os Koselleck, Agamben, Williams, Ricoeur, Arendt, entre vários outros, percebemos que o “presente” tem espessuras temporais diversas e conflitantes, marcadas pelas heterogeneidades culturais, epistêmicas, políticas, de poder, de acesso a recursos e direitos, e por relações diversas com o que se passou e com diferentes expectativas de futuro.

Entendemos as temporalidades como dimensões da nossa capacidade de compreender o mundo enquanto mundo vivido, tendo, portanto, a dinamicidade e a multiplicidade como aspectos constitutivos e constituintes. Nessa perspectiva, o tempo não é nem um dado culturalmente estável nem um elemento externo aos processos e fenômenos comunicacionais. As dinâmicas e dimensões temporais atravessam, perpassam nossas experiências e nos fazem a todas e todos sujeitos e agentes ao tempo, no tempo, do tempo. “Temporalidades” implica portanto o necessário reconhecimento da heterogeneidade de experiências temporais sociais que operam em cada momento histórico (WILLIAMS, 1979; MARTÍN-BARBERO, 1995, 2006). O termo é frequentemente usado como sinônimo ou alternativa a um outro, “historicidade”, e ambos encontram-se presentes em uma vasta produção intelectual, em especial na Filosofia e na História. Na Comunicação, “historicidade” tem sido convocada especialmente para “designar a experiência temporal humana, tal como ela é vivida e



constituída no agir humano” (LEAL, ANTUNES, 2015, p. 218) Tomar os processos comunicacionais em suas historicidades implica assim um afastamento das perspectivas que pretendem apreendê-los em suas historiografias e cronologias e/ou que adotam um certo sentido de temporalidade linear (passado-presente-futuro), cognitiva e teleológica.

Os artigos que compõem este dossiê explicitam conflitos, disputas, dissensos nos modos de compreender as dinâmicas temporais, as relações entre temporalidades e historicidades e os fenômenos da comunicação. Em seu conjunto, eles realizam movimentos, ao mesmo tempo conceituais, metodológicos e políticos, de considerar as distintas experiências que atravessam a cultura e a sociedade, propondo articulações complexas entre os processos comunicacionais e os modos como vivemos, sentimos e lutamos. Não por acaso, parte considerável das reflexões aqui abrigadas estão articuladas a ativismos negros, feministas e/ou transviados, explicitando não só historicidades diversas, como desafios teóricos e analíticos instigantes. Outro conjunto de textos aqui reunidos, por sua vez, explicitam, a seu modo, os desafios e problemas que as temporalidades trazem para a apreensão de diferentes fenômenos e processos comunicacionais, seja em nível teórico, seja na investigação de produções específicas.

No artigo que abre o dossiê, **Fantasmagorias da escravidão no cinema brasileiro: anacronismos e sobrevivências de um passado traumático**, Letícia Capanema nos coloca diante do desafio de imaginar o horror da barbárie da escravidão no Brasil e explorar as consequências de representar um passado traumático articulando seus vestígios no tempo presente. A escravidão é tomada como permanência, passado e presença, em dois filmes brasileiros, “Todos os mortos”, de Caetano Gotardo e Marco Dutra, e “A morte branca do feiticeiro negro”, curta de Rodrigo Ribeiro. Ao tomar a cultura audiovisual a partir dos conceitos de anacronia e fantasmagoria, o artigo oferece pistas potentes para avaliar os deslocamentos e tensões temporais que atravessam as imagens, a um só tempo problematizando abordagens cronológicas e investindo nos vestígios e rastros das histórias dos vencidos que resistem aos sistemáticos esforços de apagamento político. O olhar opositor (hooks, 2019) e a anacronização de imagens de arquivo, pelos processos de montagem ou remontagens, se oferecem como gestos analíticos de instabilização do tempo.

O artigo de Angela Marques e Luís Mauro Sá Martino, **O momento qualquer e a coexistência de temporalidades liminares em Jacques Rancière**, na sequência, nos fala das temporalidades

dos não vencidos, aquelas que requerem a coexistência de tempos; aquelas que se fazem com os tempos “arrancado” do tempo do capital e que se assentam nos dissensos que constituem cenas políticas contemporâneas. Explorando a noção de “momento qualquer” de Jacques Rancière, Ngela e Luis Mauro observam que essa categoria, se temporal, é também eminentemente política, operando na liminaridade dos tempos hegemônicos dos processos comunicacionais. A interpretação que fazem de Rancière nos convoca a retomar o tempo capturado pelo capital pela via da justaposição de temporalidades heterogêneas, em que fragmentos de tempos são articulados sem seguir a naturalização de uma cronologia linear e progressiva, mas constituindo o trabalho mesmo da emancipação como uma “operação temporal de abertura de intervalos, de entre-espacos que permitem devaneios, desmesuras e devires”. Os não vencidos são, justamente, povos que se configuram quando o arranjo consensual e aparentemente “natural” das temporalidades é desorganizado por uma racionalidade ficcional que possibilita um encadeamento temporal desviante, num cotidiano insurgente. O momento qualquer expande o tempo presente de modo a fazer caber nele os possíveis ainda não registrados pela ordem controladora e, nesse sentido, pode dar origem ao dissenso. O artigo explora as potências de uma racionalidade ficcional que valorize “os imprevistos, os limiares e os intervalos” a partir de uma articulação com a noção de *mise en temps*, a colocação da cena em um plano de temporalidade que a caracteriza dentro de uma perspectiva estética, para compreensão da percepção do tempo na imagem cinematográfica.

Valéria Vilas-Bôas mergulha nos acervos da TV Tupi, disponíveis no Arquivo Nacional e no Acervo Audiovisual Jornalístico da TV Tupi, do Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca Brasileira, para buscar os rastros de marcas e disputas de convenções que configuravam a atuação do repórter nos anos iniciais da televisão brasileira. A atuação do jornalista Carlos Spera surge, na análise de 18 fragmentos jornalísticos encontrados, como possibilidade de identificar características que vão se constituir em importantes matrizes do telejornalismo no Brasil, como a valorização da presença do repórter e a configuração do repórter-testemunha. A observação dos fragmentos televisivos foi complementada com análise de críticas e publicações de jornais e revistas brasileiros, numa estratégia para lidar com as frágeis bases de dados e as condições precárias dos acervos audiovisuais e televisivos de que dispomos no Brasil. **Convenção e disputa na atuação do repórter: Carlos Spera e os primeiros anos de telejornalismo no Brasil** busca apreender a atuação do repórter

em um momento em que a convenção ainda não tinha se estabelecido e em que a tevê brasileira buscava sua forma cultural. Isso que implicou um movimento de constante de contextualização dos arquivos de imagens e documentos no que se refere à profissionalização do jornalista, que começa na década de 1950 nos jornais impressos e que tem na noção de objetividade um valor central, e à consolidação da própria produção televisiva em aliança com os governos militares. O artigo explora um material empírico importante para a compreensão do desenvolvimento do telejornalismo enquanto gênero televisivo, oferecendo uma visada bastante original sobre os enlaces entre jornalismo, televisão e sociedade brasileira.

A encruzilhada mostra-se analítica e politicamente potente para que Thiago Emanuel Ferreira e Daniel Oliveira de Farias problematizem as conexões raciais, territoriais e temporais na música da cantora e compositora baiana Luedji Luna. Os autores analisam o álbum visual *Bom Mesmo É Estar Debaixo D'Água*, de 2020, cruzando matrizes culturais dos gêneros musicais e audiovisuais acionados, percorrendo esquinas, buscando evidenciar outros modos de experienciar tempos e territórios. A encruzilhada, evidência de um tempo espiralar, constitui-se como gesto que ressalta as brechas e as fissuras e abre o tempo como potência e devir. Fãs da artista, soteropolitanos, engajados tanto nos tensionamentos de uma perspectiva temporal linear sobre a música e nas lutas antirracistas, feministas e sociais que atravessam Salvador, os autores de **Encruzilhadas da música: temporalidades e territorialidades no álbum visual Bom Mesmo É Estar Debaixo D'Água** explicitam seus engajamentos afetivos e convocam suas subjetividades enquanto autores no ebo, produzindo conhecimento no mesmo movimento em que problematizam o fazer científico de matriz euromoderna.

**As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente** é um ensaio produzido por Rennan Lanna Martins Mafra, único nesse dossiê a avaliar o contemporâneo através das organizações comunicacionais, tomadas em suas relações com o Estado, o Mercado, a Ciência, espaço-tempos constituidores de uma modernidade ocidental, europeia e branca, centrais para compreensão da crise da ideia de progresso. As experiências, os cotidianos e as interações deflagradas por organizações modernas são investigados para o entendimento de uma crise no/do tempo, na medida em que constituem espaços relacionais hegemônicos de produção/reprodução da vida hoje. Reconhecendo a contemporaneidade como um cronótopo atravessado pela crise do progresso, o artigo identifica três “notas experienciais” na/da comunicação organizacional,

que potencializam uma leitura da comunicação organizacional como espaço propício às emergências, à criação “de pequenas ilhas/oásis de refrigério, descanso e esperança”.

A análise feminista do audiovisual e do arquivo, realizada por Karina Gomes Barbosa e Carlos Magno Camargos Mendonça, em **“I am done”: violência sexual, testemunho e reparação em ‘Hysterical Girl’**, explicita como a cineasta Kate Novack retoma o caso emblemático de Dora, paciente de Freud, como uma narrativa audiovisual a contrapelo, buscando construir um testemunho e um espaço de enunciação desse testemunho, a que nunca tivemos acesso, a não ser pela voz do psicanalista. No curta, a voz de Dora é recuperada por uma série de estratégias audiovisuais, marcadamente a montagem e o *off*. O acionamento de diversos recursos audiovisuais constitui o que os autores chamam de *mashup* temporal, a mistura de imagens documentais, ficção, filmagem original, animação fotografias, que reescreve e recontextualiza a narrativa, desarticula a linearidade temporal e o diacronismo no audiovisual. Por meio da linguagem audiovisual, é possível, assim, fissurar narrativas patriarcais, denunciar e reparar violências.

Nuno Manna e Rafael José Azevedo exploram o último álbum do duo francês Daft Punk, *Random Access Memories*, de 2013, como uma história sobre o tempo. Considerando o próprio título do álbum como uma chave metafórica, os autores convocam a ideia de memória RAM, aquela que oferece possibilidade de acesso imediato, de modo fragmentado e volátil, não linear, em seu percurso analítico. A capa do disco, que evidencia matrizes culturais que constituem o Daft Punk, tais como a articulação entre o robótico e o humano, a referência a produções japonesas de ficção científica e à capa do *Thriller* (1982) de Michael Jackson, a referência sonora a Giorgio Moroder, produtor de uma série de canções e álbuns da “era de ouro” da disco, entre outras estratégias, não podem ser compreendidas como mero passadismo. **Fragmentos do tempo: passado e futuro narrados no álbum Random Access Memories, do Daft Punk** investiga a narrativa constituída pelo álbum como uma mediação do tempo humano, que permite compreender as historicidades dos processos comunicacionais, como modo reflexivo-analítico que privilegia as instabilidades, heterogeneidades e contradições. Para os autores, a referência a matrizes culturais dos anos 70 e 80, longe de acionar um simples resgate ao passado, institui conflitos: os entrecruzamentos e contradições temporais deixam ver que a incursão do Daft Punk ao passado está movida por um particular interesse pelo futuro. A nostalgia é, nesse caso, prospecção.

A exploração do gênero como figura de historicidade retorna no trabalho de Caroline Govari, Rafael Andrade e Thiago Pimentel, que refletem especificamente sobre o frevo e seus cruzamentos espaçotemporais. Em **Sonhei que estava em Pernambuco”: território, historicidades e afeto nas encruzilhadas do frevo**, os autores desenvolvem um olhar no qual o frevo apresenta-se múltiplo, em transformação, e à distância de entendimentos que buscam fixá-lo, estabilizá-lo como fenômeno cultural ou mesmo purificá-lo das interlocuções e trânsitos que o perpassam e o constituem. Em diálogo com perspectiva decoloniais e também com o chamado “giro afetivo”, o artigo afirma o frevo como “...espaço de disputa e possibilidades política, poética, estética, afetiva, territorial e de identidades”, explicitando-o como algo cambiante, pulsante e, portanto, vivo.

Corpos que dançam é o tema também de **Shine bright like a diamond: o momento qualquer como operação estética e política de desierarquização do tempo em Bande de Filles**, de Dieison Marconi. No artigo, o pesquisador volta seu olhar para cenas de dança em filmes realistas e que não se definem como musicais. Interessa-o aquelas cenas, por vezes curtas, em que as personagens dançam e que constituem momentos específicos na sua trajetória narrativa. Entendendo essas cenas como “momento qualquer”, tal como pensado por Rancière, Marconi foca em personagens que tem uma “vida precária”, mantendo viva a questão levantada por Butler: “como se leva uma vida boa em uma vida ruim?”. Sua análise, que dedica especial atenção à personagem Marianne, do filme *Band de filles*, reconhece nessas cenas, nessas “fagulhas temporais”, momentos em que sujeitos precarizados ocupam e reorganizam o espaço-temporal que os desumaniza.

“A cidade, a quem será se destina”. É com esse jogo de palavras, que retoma a canção conhecida de Caetano Veloso, que Sarah Fontenelle Santos, Maria Angela Pavan, Luan Matheus dos Santos Santana e Kassandra Merielli Lopes Lima abrem **História de vida: um imbricado teórico-metodológico para uma comunicação cidadã em Lagoas do Norte para quem?**. O artigo aborda uma situação recorrente em várias cidades: o esforço de resistência de uma comunidade frente a ações de gentrificação articuladas a interesses imobiliários. A caracterização dos modos de resistência da comunidade Boa Esperança, em Teresina, é articulada, no artigo, à recuperação de histórias de vida de alguns de seus moradores. Com isso, explicitam-se imbricamentos temporais e culturais, que fazem ver tradições *afropindorâmicas* tomadas como indesejáveis, extintas ou marginais pelos processos de modernização urbanística. Com isso, as autoras afirmam o direito à

palavra, à palavra diversa, que não necessita de “..um aparato técnico ou tecnológico rebuscado”, e que se constitui “...por um caminho artesão”, que une “os elos dos tempos em histórias” e, fortalecendo a cidade, fazem-na mosaico e humana, distante do homogeneamente planificável.

Encerrando o dossiê, Jorge Cardoso Filho e Celina Adriana Brandão Pereira se debruçam sobre um caso revelador das tensões que perpassam a constituição do cânone musical, abordado pelo olhar da crítica musical. Em 2017, um disco considerado emblemático dos The Beatles, o *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band* completou cinquenta anos, uma efeméride que não passa despercebida pela mídia especializada. Em **Reverberações do cânone valorativo na crítica musical: experiências com Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band em 1967 e 2017**, os autores recuperam então textos críticos publicados à época do lançamento do disco e alguns dos que se dedicaram, 50 anos depois, a abordá-lo. Com isso, fazem-se ver tensões temporais diversas, que, por um lado, dão a compreender dimensões dos processos de canonização e, por outro, mudanças no modo experienciar e apreender discos e canções.

Em seu conjunto, os artigos aqui apresentados convocam a nossa atenção para as inconveniências, as ambivalências, as sobrevivências, as insurgências, e aprofundam um gesto de apreensão das temporalidades no sentido do que vimos defendendo há algum tempo: “o assombro, o atordoamento, a instabilidade, o limbo são (...) potência política, epistemológica e metodológica” (LEAL; GOMES, 2020, p. 49). Ainda que frequentemente associados a acontecimentos ou momentos específicos, de caráter extraordinário, parece-nos que inconveniências e assombros, ambivalências e atordoamentos, sobrevivências, instabilidades e limbos são parte do tecido do cotidiano, estando integradas ao nosso dia a dia. As suas potências surgem então quando somos capazes de vê-las e, assim, reconhecer as espessuras temporais, com suas diversas dimensões, que atravessam, constituem e disputam presentes, passados e futuros.

Bruno Souza Leal e Itania Gomes, Editores convidados.

## REFERÊNCIAS

LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton. O testemunho midiático como figura de historicidade: implicações teórico-metodológicas In: **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, nº 129, agosto - noviembre 2015, p. 213-228;

LEAL, Bruno Souza; GOMES, Itania Maria Mota. Catástrofe como figura de historicidade: um gesto conceitual, metodológico e político de instabilização do **tempo in** MAIA, Jussara; BERTOL, Rachel; VALLE, Flávio e MANNA, Nuno. (Orgs.) **Catástrofes e crises do tempo: historicidades dos processos comunicacionais**, Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020, p. 31 - 52;

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**, São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 39-68;

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Pistas para entre-ver meios e mediações in MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, Cultura e Hegemonia, 4ª, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006b, p. 11-21.